

TEATRO BRASILEIRO

5

MARÇO 1956 - CR\$ 10.00



NESTE NÚMERO: "PLUFT, O FANTASMINHA" DE MARIA CLARA MACHADO

diretor: alfredo mesquita

redator-chefe: sábito magaldi

diretor técnico: willys de castro

conselho consultivo: esther mesquita, claude vincent, marília pedemelas, clávis garcia, decia de almeida prada, paula mendonça.

representantes: joão bethencourt (rio de janeiro), josé carlos cavalcanti borges (recife), antônio abujamra (porto alegre), joão etienne filho, (belo horizonte)

editora - livraria jaraguá ltda.

impresso pela sociedade anônima impressora brasileira.

assinatura anual: cr\$ 100,00

capa desenhada por hilde weber	
situação do teatro português — por adolfo casais monteiro	1
arthur miller fala de seu teatro — entrevista de nilson penna	3
ziembski: implantei no brasil a consciência do teatro	5
cenários e figurinos de "ethelo"	8
"ethelo" abstrato — por adolfo celi	
cenários e figurinos de "hamlet"	10
"plufi, o fantasminha" — peça infantil de maria clara machado	13
prognósticos sobre a próxima temporada de jean-louis barrault	21
os melhores do teatro inglês em 55 — por alfredo mesquita	
de como nasceram os jograis — por ruy affonso	23
viagem através de três revistas — por joão bethencourt	25
o teatro, esse incompreensível — por alfredo mesquita	26
"o sedutor" e	
"escola de maridos" — por sábito magaldi	27
a entrevista de proscpio — repertórios para 1956 no rio — teatro na tijuca — ingrid bergman vem ao brasil	29
problemas do teatro infantil de são paulo, por cesar giorgi — ludy veloso e armando couto abandonam o teatro — pano-ama do teatro amador em são paulo, por j. e. coelho neto	30
plano de incentivo ao teatro em s. paulo — teatro universitário de minas gerais — teatro nacional nos estados unidos, por e. schaffman	31
o teatro de amadores de pernambuco faz 15 anos	32

SITUAÇÃO DO TEATRO PORTUGUÊS

O problema do teatro nacional é um dos mais dolorosos espinhos em que a nossa consciência crítica se dilacera. Temos um problema secular e um problema atual do teatro. Temos um problema sociológico, mas também um problema filosófico do nosso teatro. Temos as dúvidas e as indecisões de quem está no princípio, sem por isso deixarmos de ter o lastro duma tradição de séculos... O teatro português é, francamente, um paradoxo que tem desafiado e continuará desafiando a argúcia de quantos sobre ele se debruçam.

Seja porém qual for a teoria ou a interpretação à luz da qual se pretenda ver claro neste problema que é um emaranhado de problemas, só com excessiva cegueira será possível ignorar a extrema pobreza do teatro português. Pobreza que não é apenas de autores, mas, em cada um deles, uma insuficiência que nos impede de apresentar

um grande autor dramático à altura dos grandes em qualquer outra forma de expressão, da poesia lírica ao romance. E isso torna-se bem patente se tivermos coragem para responder sinceramente a esta pergunta: existe algum autor português cuja obra dramática valha só por si? Isto é, um Gil Vicente e um Garrett, que são os únicos grandes criadores do nosso teatro, teriam merecido o lugar que têm na nossa literatura só pelos valores dramáticos da sua obra?

Creio que se pode dizer afirmativamente: não. Porque a vis dramática vicentina não chegaria só por si a erguer a sua obra à altura em que a colocamos, o que se deve por uma grande parte a ser ele um extraordinário poeta. E a obra de Garrett não teria o lugar que lhe atribuímos se ele fôsse apenas o autor do "Frei Luiz de Sousa", por maior que seja o lugar desta extraordinária tragédia no teatro universal. E o mesmo podemos dizer, descendo um pouco de nível, de Antônio Ferreira, ou de Francisco Manuel de Melo — e o mesmo veremos já que se passa com o nosso teatro contemporâneo.

Escrevia recentemente Jorge de Sena que "não são alguns talentos, superiores ou inferiores, e algumas obras de excepção, e muita mexerufada, que constituem uma tradição teatral como a da Inglaterra, de Thomas Kyd e Marlowe a T. S. Eliot, da França de um Gringoire a um Anouilh ou um Sartre, e da Alemanha, de um Lessing a um Brecht, a da Espanha, de Lope de Vega a Garcia Lorca. Todos esses países atravessaram períodos de decadência, ou até de inexistência do teatro. Nós vivemos sempre, em matéria de teatro, na meia-tijela,